

A escultura de Susana Piteira surge, no panorama nacional das artes visuais, como um "projecto" artístico, conceptual e técnico deveras sui generis, entre os artistas (m/f) cada vez mais raros (m/f) que trabalham a pedra, em Portugal. Sobretudo numa era em que os monitores Macintosh povoam os ateliers das instituições de ensino artístico, exercendo um poder de atracção irresistível sobre uma juventude vaporosa previamente "educada" à frente de um écran. E, também por isso, a escultura em pedra de Susana Piteira constitui uma espécie de ponta de lança de uma dupla resistência. Se, por um lado, enfrenta quichotesicamente, os moinhos de vento ("digitalidades") resgatando, continuamente, o *savoir faire* técnico indispensável ao métier artístico, explorando e procurando expandir os limites da forma, conhecendo como ninguém as próprias resistências da matéria - até ao nível granular - por outro, apresenta uma sensibilidade emanada a partir de um "lugar" feminino assumido desde o início. Essa sensibilidade, trespassa formalmente as suas esculturas, sobretudo os pequenos volumes de chão e de parede, transformando cada exposição em "acontecimento" estético, verdadeiramente notável de coerência e consistência, só ao alcance dos artistas em plena maturidade criativa.

Na escultura de Susana Piteira, o mármore torna-se dócil, em formas orgânicas e lânguidas, seduzem e plasmam uma espécie de erotização velada e que, portanto, necessita de um olhar mais demorado, um olhar que se sinta desafiado. A um nível muito primário, no arrojo formal e performativo de algumas das suas esculturas, pode-se até, vernacularmente, comparar com a milenar atractividade das flores, o primeiro objecto mediador da atracção, que a cultura padronizou.

São, portanto, objectos estéticos à espera de serem resgatados do seu estado de "estarem-só-aqui", em mais uma exposição. Esta escultura só se realizará, até pela sua escala bem humana de objecto a entesourar, no face-a-face com o (a)apreciador(a). A entesourar, porque a valia estética, a ousadia técnica, a dimensão conceptual, liberta inteligentemente de falsas moralidades restritivas, eleva-a à condição de peça valiosa. Todas elas, aliás, desafiam e encontram-se nessa condição.

Leonardo Charréu, GR 29/01/2010